

‘Contra-sonhar’

Meg Harris Williams

Tradução: Estanislau Alves da Silva Filho

Fonte: <http://www.artlit.info/pdfs/Counterdreaming.pdf>

A IDEIA PARA O SEMINÁRIO DE HOJE veio da edição de um livro chamado *Counterdreamers: Analysts Reading Themselves*, que a Harris Meltzer Trust acaba de lançar (e Marina Vanali, que traduziu essa apresentação para o italiano, é uma das colaboradoras). Durante a leitura das contribuições, me vi interessada na variedade de interpretações e tipos de ‘contra-sonhar’ que foram apresentados por analistas e terapeutas, e nesta tarde, pensei que poderíamos olhar para alguns trechos do livro, de modo a vislumbrar essa variedade. Não obstante, me interessa tentar obter uma imagem clara da ‘essência’ do processo de ‘contra-sonhar’, que se encontra subjacente nos variados exemplos.

Este termo foi cunhado por Donald Meltzer e, claro, ele surge a partir da ‘contratransferência’, que atualmente é tida como a chave para a comunicação psicanalítica (à diferença do seu significado anterior de atuação). Algumas pessoas têm perguntado: é um novo conceito, apenas um novo termo, ou seria similar aos termos já existentes, como a ‘*reverie*’ ou ‘atenção livremente-flutuante’, usados para descrever a situação de transferência-contratransferência? A resposta curta é: não, não é um novo conceito, apenas uma nova forma de demarcar o que se passa na sala de consulta e de supervisão. É algo que vem sendo praticado desde os primeiros dias da Psicanálise e que possui paralelos ancestrais, tanto na prática artística, quanto nos relacionamentos íntimos desde a infância. Ao contrário de muitos neologismos, ele evoluiu de maneira natural a partir do desejo de Meltzer de fazer uma última descrição poética daquilo que era a sua ocupação de vida – [ele se perguntava] ‘o que ele realmente vinha fazendo todos esses anos?’

Ainda que não seja um conceito novo, inevitavelmente, qualquer nova descrição de um fenômeno da vida real pode chamar a atenção para aspectos que não ficam tão evidentes em outras denominações existentes. Natural-

mente, ele descende da ‘contratransferência’, em seu sentido moderno, de uma resposta pessoal útil do analista ao paciente. Meltzer morreu em 2004, e a última coisa que ele escreveu foi uma nota sobre contratransferência, que ele queria acrescentar ao meu trabalho “*The three vertices*” (2005), junto com outra nota sobre a observação psicanalítica. Também incluí tais descrições em meu livro “*The Vale of Soulmaking*”, mais tarde naquele ano. Sobre contratransferência, Meltzer escreveu:

Este termo, que alcançou um status próprio, não é meramente uma inversão linguística inteligente. Podemos colocá-lo sob investigação, fixado para secar como uma pele. De que se trata? Ele pretende se referir à contribuição do analista, como que em um dueto com o paciente, – destinada a harmonizar-se e a impor o seu próprio ritmo e cadência, à maneira do som da gaita de fole [uma referência a Bion]. ... Deste modo, o primeiro ponto é que a contratransferência é uma elocução do analista atencioso. O segundo, é que ela representa o foco de atenção dele. Terceiro, alega-se que nela estão contidos fragmentos primitivos de pensamentos chamados “elementos-alfa” que, quando examinados com atenção, parecerão formar um padrão: símbolos incipientes de significado emocional. ... Em suma, a contratransferência é uma experiência emocional que deve ser capturada em seus sonhos. Mas o paciente deve comparecer ao analista para sua interpretação. E como é que ele saberá do que está falando? Ele não saberá – ele ‘contra-sonhará’; ele, de fato, terá trocado o ‘pensar’ (ciência) pelo intuir (arte, poesia): a tradição verbal de Homero. (MELTZER, 2005, p. 182)

É do cenário contratransferencial que vem o ‘contra-sonho’, ou melhor, tal como acontece com outros sonhos, uma simbolização específica surge no processo subjacente e contínuo de se ‘contra-sonhar’ (a ‘vida onírica’ de Meltzer), em resposta às comunicações de um paciente específico. Meltzer chama isso de ‘técnica’:

É difícil de explicar a técnica do ‘contra-sonho’. Cair no sono enquanto o paciente está falando não é o bastante. É necessário um processo de trabalho sobre o material, enfocando e selecionando-se configurações interpretativas, aguardando-se um estado de satisfação (descanso). Relembrar o material é algo essencial, desgastante, cheio de ansiedade. ... Fadiga e irritação são o resultado, um teste de força (e de fé). E isso dá corpo a termos como resistência ou recuo. (MELTZER, 2005, p. 182)

A técnica do ‘contra-sonho’ é essencialmente a de se manter uma postura de capacidade negativa e tolerância à incerteza, nomeada como ‘paciência’ por Bion (1970). Não se trata de um plano arquitetado, mas de uma resposta à situação atual das mentes participantes, cuja conseqüente tensão emocional é aliviada apenas pela forma gradualmente emergente do que Bion chama de ‘padrão subjacente’. O padrão pode ou não ser verbalizável, ou talvez só não seja inicialmente; o importante é que é imaginável e dá ‘descanso’ (o termo de Bion é ‘segurança’). Ocorre no ‘escuro’ de um estado mental de sonho, artificialmente induzido por um tipo especial de atenção e comunicação. Meltzer descreve a captura dos elementos desse padrão em termos de se observar a cauda dos movimentos mentais dos objetos parciais:

O primeiro passo é reconhecer que o estado de ‘observação’ é essencialmente um estado de repouso. Segundo, que também é um estado de altíssima vigiância. Compara-se a esperar no escuro por um cervo que está pastando à noite, e que só será visto pelo cintilar de sua cauda branca. Esta vigiância noturna é um estado de alerta para com o movimento da presa, movimentos mínimos de um objeto-parcial dos quais, com paciência, se poderá extrair a formação de um padrão de significado incipiente ‘moldado antecipadamente’. Esta captura de um significado incipiente anteriormente delineado é uma função da imaginação receptiva, ‘que se abre à possibilidade’ sem se preocupar com a probabilidade. Como se trata de algo rico em suspense, necessariamente é fatigante, e mesmo exaustivo. No entanto, é um manancial de poesia. (MELTZER, 2005, p. 182)

Tradicionalmente, os sonhos sempre foram considerados agentes de transformação, assim como de admoestação, profecia e advertência (como nos portões de chifre e marfim: o sonho teria sido enviado por um objeto bom ou ruim?). Os sonhos de advertência são, frequentemente, equívocos em suas interpretações. Mas, como espaços mentais de transformação, os sonhos não são tão equívocos quanto são ambíguos – pois são lugares onde as coisas podem ser vistas sob uma luz diferente, com um potencial de catastrófica mudança (desenvolvimental).

No ‘contra-sonho’ admite-se que o significado deve ser construído, por meio de uma certa correspondência, congruência ou contraponto, entre o mundo da fantasia do analista e do analisando. A chave é a observação detalhada de ‘flashes’ tão minúsculos e efêmeros, que são mais perturbadores do que iluminadores (caudas de cervos, elementos alfa). Isso ocorre, até que eles possam encontrar um lugar em uma rede mais ampla. E, de fato, o processo de ‘contra-sonho’ pode ser continuado fora da sessão, por exemplo, na supervisão ou em discussão, bem como na vida onírica mais ampla do ‘contra-sonhador’, de modo que o padrão vai gradualmente sendo processado inconscientemente, no intuito de formar um tipo de conhecimento que retroalimentará a análise (e secundariamente, a autoanálise), e que emergirá como pensamento.

Assim, o termo ‘contra-sonho’, quando articulado à descrição poética que Meltzer faz da observação psicanalítica, amplifica os sentidos de ‘*reverie*’ e de ‘atenção suspensa’, de um jeito que proporciona um reconhecimento apropriado à extenuante contribuição autobiográfica do analista, que está (na terminologia moderna) ‘sonhando a sessão’. Os sonhos do analista ou respostas oníricas às comunicações do analisando são cruciais para o método. A congruência buscada depende da crença de que a natureza humana é essencialmente a mesma, para o bem ou para o mal, mesmo que seus elementos possam ser organizados de maneira diferente. Não obstante, em uma situação terapêutica, o paciente é que conduz o caminho para sua resolução, o que simplesmente é possibilitado pela capacidade introspectiva do analista, de modo que qualquer ganho de autoconhecimento pelo analista é secundário.

O ‘CONTRA-SONHO’ E O MODELO MÃE-BEBÊ (BICK & HARRIS)

‘Contra-sonhar’ é, portanto, por definição, algo que acontece em um relacionamento entre mentes. Para ressaltar as tensões emocionais envolvidas no ‘contra-sonho’, penso que vale a pena retomar uma formulação clara do modelo mãe-bebê, na relação analítica, tal como foi descrita por minha mãe, [Martha Harris], quando esse modelo de treinamento estava se estabelecendo e precisava ser justificado.

A Psicanálise vem sendo igualmente prejudicada e ajudada por sua dependência do meio verbal. Existem perigos decorrentes de sua natureza mais discursiva do que apresentativa (para usar a distinção de Susanne Langer). Daí a relevância da observação de bebês para a formação de um psicanalista: trata-se de um meio estruturado que favorece uma menor dependência das palavras, no sentido de não se precisar enxergar além ou por trás de palavras, que podem facilmente ser utilizadas como uma máscara ou uma defesa contra a emotividade. A observação de bebês em um contexto educacional adequado pode, assim, ser um auxílio ao ‘contra-sonho’. Martha Harris escreveu sobre os perigos de se confiar em ‘significados aparentes’ e do ‘falar sobre’:

No trabalho com adultos, pode-se muito mais facilmente ser enganado pelo aparente significado das palavras do que no trabalho com crianças. Isso se aplica particularmente à análise didática. E, em se tratando de um adulto, especialmente um que pretende tratar desordens em outras pessoas, há então nele uma tendência em se tornar bastante inteligente no sentido de aprender sobre as partes mais vulneráveis ou desagradáveis da sua personalidade: desenvolvendo uma facilidade para falar sobre elas em si mesmo e em outras pessoas, mas apenas como um modo de mantê-las à distância de um braço, evitando um contato íntimo. (Bick & Harris, 2011, p. 122)

Os perigos do ‘falar sobre’ aplicam-se não apenas à psicopatologia do paciente, mas mais ainda ao autoexame do analista ou mesmo à apresentação que o analista em treinamento faz de si mesmo a um supervisor. É fácil fazer uma confissão inteligente de suas falhas diante de um superego-Deus, conseguindo, assim, ser absolvido das consequências correspondentes: em um sentido emocional real, essas falhas continuam repudiadas, mantidas ‘à distância de um braço’, fora do contato íntimo.

Em contraste, há outra atitude, não exclusiva da observação de bebês, mas que a observação infantil estruturada pode ajudar a desenvolver.

A postura do observador de bebês ajuda o aspirante a analista a considerar não apenas as palavras, mas também os detalhes de hábitos e comportamentos totais do paciente: isso significa conseguir ler entre as palavras e discernir a natureza da experiência que está sendo transmitida ou evitada. Essa postura pode ajudá-lo a esperar, até que ele reúna a partir de sua própria resposta ao paciente, alguma intuição do que pode estar acontecendo.

Se ele não pode suportar esse período de incerteza e confusão, é provável que ele antecipe o surgimento da experiência emocional no paciente, explicando-a primeiro

No bebê que relaciona ‘partes não integradas de si mesmo a partes da mãe’, pode-se ver:

[...] o que todos nós sabemos e falamos com bastante clareza: a realidade de que, no nível mais primitivo, as emoções estão enraizadas em estados corporais e sensações localizadas em partes específicas do corpo, sensações que são educadas e alcançam significado através das respostas emocionais da mãe. (Bick & Harris, 2011, p. 123)

Martha Harris aponta a relevância disso para compreensão de sintomas psicossomáticos, bem como para podermos descobrir que:

[...] escondida na apresentação de narrativas sobre pessoas no material do paciente, encontra-se oculta outra camada de significado relativa às relações primitivas com os objetos-parciais, centralmente a combinação do mamilo com o seio, de modo que temos: as qualidades dádivas-retentivas-organizadoras e as receptivas-confortadoras-indulgentes do objeto primário. (Bick & Harris, 2011, p. 123)

Esse significado oculto, poderíamos dizer, deve ser ‘contra-sonhado’; não é acessado por outros modos de narração mais superficiais. O ‘contra-sonho’ propicia um modo de se manter um significado desconhecido e intuído na mente, antes de ele ser verbalmente antecipado ou explicado. É necessário cultivar a capacidade de distinguir sentimentos reais de sentimentos fingidos, mesmo que eles pareçam plausíveis: ‘Consideremos, por exemplo, o aprendizado da capacidade de se utilizar a contratransferência, de modo que, a partir disso, podemos perceber a qualidade emocional ou de falta de emoção nas comunicações verbais de um paciente; o significado ou a falta de significado’ (Harris, 2011, p. 124). No esquema de Bion, a negatividade não se refere a emoções ruins ou desagradáveis, mas a não-emoções ou emoções falsas, que podem facilmente receber uma roupa verbal convincente.

Assim, o ‘contra-sonho’ contorna os perigos do ‘falar sobre’, já que os sons verbais (tal como outros sinais sensoriais) podem ser lidos de dife-

rentes maneiras: não apenas no sentido discursivo cotidiano, mas também enquanto objetos-parciais, que são partículas de significado e que fazem parte de um padrão mais profundo. Em termos de teoria psicanalítica, esse padrão se refere a algo que vai muito além dos lapsos e trocadilhos freudianos, e que pode ser mais bem compreendido em termos daquilo que Money-Kyrle cunhou como sendo a ‘base’ da formação do conceito, ou seja: o objeto combinado mamilo-e-seio, que é o que dá significado ao âmagô emocional do bebê.

Esse objeto combinado, com sua inerente dinâmica de projeção e introjeção, se encontra oculto em toda narrativa psicanalítica: sendo ele fundamental, universal. O observador de bebês é obrigado a entrar em uma espécie de ‘contra-sonho’, diante dos signos dessa relação primordial: de modo a abandonar a dependência das palavras e aprender a perceber as caudas de cervos das relações com objetos-parciais.

Em seu artigo sobre “Continência materna e maternagem suficientemente boa”, Martha Harris resume a posição pós-kleiniana, descrevendo a importância de o sentimento infantil ser compreendido e não apenas confortado:

Ele recebe de volta a parte evacuada de sua personalidade em uma condição melhorada, juntamente com uma experiência de um objeto que foi capaz de tolerar e pensar sobre isso. Assim, introjetando o que Bion chamou de capacidade de ‘*reverie*’ da mãe, o bebê começa a ser mais capaz de se tolerar e também começa a apreender a si mesmo e ao mundo em termos de significação das coisas. (Bick & Harris, 2011, p. 141)

De um modo paralelo, as observações de Esther Bick sobre as projeções e introjeções feitas por bebês reais, enfatizaram a função integradora e de continência da mãe, que se desenvolve em relação à mente-corpo do bebê. A essência é o continente enquanto conhecimento e significado (não conforto); e suficientemente-bom é realmente melhor do que bom, não apenas porque é menos narcisista, mas porque inclui o próprio instinto epistemofílico da mãe, que está sempre em busca de mais conhecimento. É a introjeção dessa função que estimula a força de caráter. E podemos considerar o ‘contra-sonho’ como a realização dessa função de ir atrás, isto é, dessa busca por um continente contínuo e flexível, que se cria justamente para corresponder ou ‘contra-ir’ a qualidade presente de angústia ou de emoção. A coisa é sentida pelo receptor/mãe/analista, mas não da mesma maneira que o paciente

sente, já que o processo de ‘contra-sonhar’ leva a coisa a um nível maior de abstração. A angústia da mãe não é a angústia do bebê, é a angústia de seu próprio self-bebê transformada, como num sonho ou devaneio; sua eficácia como agente de transformação depende da identificação com o bebê, mas sem que isso resulte numa mistura da identidade do bebê com a sua. Essa rede emocional é, então, recebida e ecoada pelo observador, em seu próprio ‘contra-sonho’. Correspondentemente, o ‘contra-sonho’ é mais do que empatia; e, na verdade, nele pode até haver uma certa qualidade de indiferença, pois o analista está assumindo o papel de um objeto pensante – algo que está acima e além de sua própria identidade pessoal, em que se confia ao ponto de colocá-lo em contato com os seus próprios objetos internos. Em certo sentido, o analista, ao usar seus próprios sentimentos dessa forma imparcial, está se tornando alguém diferente de si mesmo (tal como tradicionalmente os sacerdotes religiosos supostamente fazem). De fato, é isso que o analista ‘aprende a partir da experiência’, ao lado do paciente – é um processo de crescimento ou transformação para ambas as partes.

‘CONTRA-SONHOS’ E CONVERSAS ENTRE OBJETOS INTERNOS

Bion fala de um ‘terceiro olho’, ou de haver pelo menos três pessoas (ou mentes) no consultório, em uma sessão psicanalítica. O observador, que está tentando detectar as caudas de cervos no escuro, por meio de seus próprios sentimentos, também está sendo observado. Mas por quem? Obviamente não se trata literalmente de uma outra pessoa – e isso, não obstante, faz com que algumas semelhanças possam ser encontradas com relação ao seminário de observação de bebês, onde não é o observador em um sentido pessoal que está sob escrutínio, mas sim o drama universal entre o pensar e o agir: ‘os problemas relativos à compreensão das projeções e do engendramento de atuações através de reações contratransferenciais à angústia do bebê ou da mãe são, até certo ponto, comuns a todos e podem servir como experiência de aprendizado compartilhada (Martha Harris)

É possível que o grupo de supervisão assuma o papel de objeto pensante, de modo a permitir uma aprendizagem compartilhada em um genuíno grupo de trabalho.

A compreensão de um significado apresentacional, profundo ou ‘oculto’, implica um tipo especial de observação, em que o observador é guiado, consciente ou inconscientemente, por um sentimento de estar sendo observado por um poder maior e de se sentir responsável por isso – exatamente da mesma forma que os poetas descrevem sua relação com sua musa. ‘Contra-sonhar’ não é apenas ter empatia com o paciente ou fazer uma imersão em sua aflição ou confusão. Nem se trata de um fantasiar abertamente divagante

estimulado pelo material trazido pelo paciente, que logo se desvia de acordo com as associações livres do analista. Ele é uma resposta muito específica a um momento específico na vida onírica do paciente, que só pode ser recebido pela vida onírica do analista, livre do controle do ego (e, portanto, à diferença das interpretações verbais conscientes, etc.).

Enquanto Bion enfatiza a presença de mais de duas mentes, ou vértices mentais, na sala, Meltzer especificamente organiza esses modos de conexão aérea em uma ‘conversa entre objetos internos’. Trata-se de algo que ocorre em um nível mais elevado de abstração, ou talvez em um nível subconsciente mais profundo, do que qualquer conversa verbal comum, fazendo nuances que dificilmente podem ser observadas, mas que uma disciplina como a observação de bebês ajuda a trazer à luz. Meltzer costumava dizer que você só pode trabalhar com a parte adulta do paciente; entretanto, suas formulações posteriores enfocaram, antes, o(s) objeto(s) interno(s) do paciente, uma fonte mais avançada e ética até mesmo do que a sua parte adulta. Mas, no estado de ‘contra-sonho’, o ‘contra’ ou a congruência referem-se, na verdade, a um diálogo entre os objetos internos do paciente e do analista. Meltzer ressaltou, cada vez mais, o desamparo do analista, bem como a total fiabilidade nos objetos internos, para poder ajudar seus pacientes. ; como fica claro, em sua última palestra, “Boa Sorte”, em Barcelona:

Você acaba descobrindo que tudo o que você tem feito, até então, é ler sonhos. E o tempo todo você se dizia muito bom em fazer a leitura dos sonhos, ainda que não soubesse o significado disso, apenas sabendo que tinha algo a ver com a formação do símbolo do paciente, e com a leitura intuitiva que você fazia da formação simbólica dele, e atribuindo significado a tudo isso. ...

O inimigo está batendo em retirada – não por sabedoria, mas por própria loucura, por ter tentado capturar um espaço congelado e ter se congelado no processo. Esse é o tipo de jogo que você está jogando. E a sobrevivência neste tipo de jogo depende do que se chama de sorte. Boa sorte. E a tradução para “boa sorte” significa confiar em seus bons objetos. ... Boa sorte para a sobrevivência que resulta de algo que você jamais poderia ter planejado, e que aconteceu apesar de toda a sua esperteza e engenhosidade. (MELTZER, 2003, p. 317-318)

O 'inimigo' é a parte narcisista 'Napoleônica' da personalidade que acredita estar no controle da situação, devido a uma fantasia baseada na identificação intrusiva com o objeto. É o próprio objeto arquetípico ruim, que obviamente nem é realmente um objeto, mas apenas um falso objeto composto de projeções egoístas. Meltzer diz que descobriu isso através da experiência clínica, não através da aplicação de qualquer teoria; e a experiência clínica originária era a da sua própria análise ou autoanálise:

Eu descobri coisas - claro, descobri coisas reais sobre mim mesmo, que acabaram sendo também sobre outras pessoas. O principal é a exploração da identificação projetiva: a atividade de se entrar nos mundos de outras pessoas, sem ter sido convidado, onde você sofrerá as dores da claustrofobia, sentindo-se preso, sem saber como sair - porque sequer se lembra de como é que foi parar ali. Acho que posso afirmar que não inventei isso. Eu realmente descobri isso em mim e, em seguida, em meus pacientes. (MELTZER, 2003, p. 318)

Ele também costumava apontar que a porta para o claustro está sempre aberta, que, para sair dele, primeiro você teria que fazer contato com os objetos internos, pois são eles que fazem o envio dos sonhos e, em seguida, precisaria encontrar um 'contra-sonho' receptivo e organizador, de modo que, através dele, os objetos internos do outro possam estabelecer uma conversa. Como resultado dessa conversa, o analista receberá a sabedoria desde seus objetos internos, na forma de um sonho ou estado onírico - o 'contra-sonho'. A conversação pode até ser verbal (de fato, tem que ser primariamente verbal em Psicanálise), mas será numa linguagem da descrição e não da explicação, pois será governada pelo 'contra-sonho', com seu contato íntimo com aquilo que Bion chama de "O", o mundo dos objetos, o lugar de origem do significado. "Porque o coração da questão é o significado", afirma Meltzer, e a compreensão do significado repousa no reconhecimento do analista de seu próprio desamparo, a "[...] tranquilidade da ignorância. Suponho que seja uma espécie de passividade religiosa. Alguém mais terá que fazer isso, porque você não pode fazer isso sozinho. Isso leva você de volta à infância novamente - Mamãe e Papai farão isso; você pode ir dormir".

Tal como Bion similarmente disse, o analista é como um bebê recém-nascido no início de cada sessão. O analista depende de ser alimentado por seus 'contra-sonhos', para poder ler os sonhos de seu paciente e se abster

de acreditar que ele é um Napoleão conquistando os restos congelados do *claustrum*. O ‘contra-sonho’ é o bocal mais eficiente para o objeto interno, e o analista poderá, assim, permitir que o objeto interno fale. Isso significa que o analista poderá dizer coisas cujo significado nem ele mesmo entende (‘E como é que ele saberá do que está falando? Ele não saberá – ele contra-sonhará’). A interpretação conscientemente formulável só se torna visível mais tarde; a tarefa imediata é a observação da cauda dos cervos, é ‘focar a atenção’. De fato, o meio é mais importante que o fim: pois é a introjeção da função pensante, mais do que apenas o pensamento, o que está na base da saúde mental. Isso só pode ser transmitido convidando-se o paciente a identificar-se com os esforços do analista para pensar, ou mesmo para permitir que o pensamento ocorra em seu nome, devido à própria identificação do analista com um objeto pensante.

Para concluir: a vantagem de se tratar a sala do consultório como um lugar onde as conversas entre objetos internos podem ocorrer está na facilitação da manutenção de uma postura de capacidade negativa – isto é, o tipo de ‘paciência’ que permite ao significado tornar-se simbolizado, atingindo-se, por fim, ‘seguridade’ (tal como Bion descreve na oscilação Ps-D) –, que, em um espectro, seria o extremo oposto do ‘terror sem nome’, de um medo não simbolizado e não contido.

‘CONTRA-SONHO’ E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

O ‘contra-sonho’ é também uma resposta estética aos conflitos emocionais trazidos à sessão, sendo semelhante à ‘congruência simbólica’ com a qual o leitor de poesia tenta capturar a sua experiência de um modo onírico e escrevê-la. (Escrevi sobre isso em “*Mantendo o sonho*”, no livro ‘*A Apreensão do Belo*’). A despeito de começar com a imersão, há, então, separação, no sentido da descrição feita por Adrian Stokes, em termos de ‘modelagem e escultura’ (para o artista) ou ‘envelopamento e incorporação’ (para o espectador de arte). Na busca por uma resposta ao objeto estético (seja como espectador ou como criador), a mente exploradora se expande e se retrai: a questão-chave é se esta seria uma exploração imaginativa genuína ou apenas uma colonização ao estilo conquistador – se é conduzida pelo bebê real ou pelo seu alter ego napoleônico.

Stokes (1965, p.26) escreve que, diante da arte, entramos “[...] em contato com um processo que parece estar acontecendo em nosso olhar, um processo ao qual estamos unidos como se fosse uma alternância de objetos parciais”. Esse tipo de união também poderia descrever apropriadamente a empatia invocada no analista à medida que ele observa o paciente, ou seja, o sentimento quase visceral de reconhecimento que é despertado na-

quele momento, ‘acontecendo em nosso olhar’. O fenômeno do sentimento responde, ao ser percebido e observado, lançando seus tentáculos para iniciar uma dança ou fazer um entrelaçamento da movimentação de objetos parciais. A mente observadora engaja-se em um ritmo alternado, de se aproximar e se separar do objeto, tal como na Ps-D de Bion, mas sem ficar inundada pelo objeto e nem ficar identificada com ele (isso leva à bidimensionalidade, ou ao nivelamento da emoção – como na ideia de uma unidade oceânica –, um estado de fusão com o objeto que, provavelmente, ‘nunca esteve nem no mar e nem na terra’ [Wordsworth]). Bion usa metáforas como a ‘caesura’ e a ‘tela receptora’ para transmitir a ideia da permeabilidade – sem deixar de haver separação – de dois estados mentais que estão se confrontando. O ritmo repetido de identificações projetivas e introjetivas gradualmente dá um jeito na confusão, e o padrão subjacente emerge na forma do sonho contratransferencial.

Pois o objeto estético, tanto na arte quanto na vida, exige um ‘contra-sonho’, para a apreciação adequada de sua ‘mensagem’ – que é um significado que não pode ser reduzido sumariamente, e que só encontra um continente reflexivo na mente do outro. Reflexivo não apenas no sentido de espelhamento, mas, espera-se, também no sentido de transformativo, devido à conversa entre objetos internos, que está ocorrendo para além do controle consciente de ambas as partes. É algo que também está para além das restrições de personalidade do artista ou do espectador, e o mesmo se aplica tanto à sala do consultório quanto à apreciação artística.

Em um consultório, qual é o objeto estético que desperta a curiosidade e exige ser explorado imaginativamente (ou tiranicamente conquistado)? Em certo nível, é o sonho ou mesmo o material-do-sonho trazido pelo paciente, que pode ou não ter qualidades estéticas próprias. Mas mesmo que seja um lindo sonho, isso é apenas o começo do drama na sala do consultório – o drama das transformações que ocorrem quando os sonhos se ‘contra-colocam’ ou respondem uns aos outros, e igualmente quando o controle tirânico fica relaxado, de modo que os objetos internos ficam autorizados a conversar.

Como acontece com todos os objetos estéticos, tanto reações positivas quanto negativas são postas em movimento: o conflito estético do amor, do ódio e do conhecimento segue na contramão da retirada emocional, nas suas formas de menos amor, ódio e conhecimento.

Por fim, o objeto estético na análise é o próprio processo analítico. É a forma estética invisível e inefável que facilita essa conversa entre objetos internos – um ‘dueto com o paciente’. É provavelmente essa qualidade formal que diferencia a visão ‘contra-sonho’ de análise da visão ‘intersubjetiva’. Há uma base estrutural na visualização do conhecimento, relativa

ao mamilo-seio primal, como ela sendo necessariamente adquirida através de identificações projetivas e introjetivas, de um modo que ela constrói a si mesma bloco por bloco. No meio disso, analista e analisando constroem uma resposta estética ao campo de conflito emocional e de confusão que inicialmente preenche o ar da sessão. Em um nível, o analista é a “mãe” e o analisando, o “bebê”, mas em outro nível, ambos são bebês, quando mensurados a partir da conversa misteriosa, que é a essência do processo analítico e que pode revelar coisas até então desconhecidas a ambos, ou mesmo desconhecidas a seus objetos internos (individualmente), coisas que somente são descobertas quando sonho e ‘contra-sonho’ se configuram um em resposta criativa ao outro.

Obviamente, isso significa que (como disse Meltzer) o analista está sempre envolvido em seu próprio conflito estético com o processo analítico em si – com suas demandas e seus mistérios, e com o amor e ódio que são evocados pela tarefa – de um modo semelhante ao relacionamento de amor-e-ódio com a poesia, que os poetas sempre expressam. É difícil cultivar a ‘passividade sábia’ (Keats) que a tarefa requer.

REFERÊNCIAS

BION, W. R. **Attention and Interpretation**. London: Tavistock, 1970.

HARRIS, Martha; BICK, Esther. **The tavistock model: papers on child development and psychoanalytic training** (edited by Meg Harris Williams). London: Karnak Books, 2011.

MELTZER, Donald. Creativity and countertransference. In: WILLIAMS, Meg Harris. **The vale of soulmaking: the post-kleinian model of the mind**. Londres: Karnac, 2005.

MELTZER, Donald. Good Luck. In: CASTELLA, Rosa; TABBIA, Carlos; FARRÉ, Lluís (eds). **Supervisions with Donald Meltzer: the Simsbury Seminars**. London: Karnak Books, 2003. pp. 315-324.

STOKES, Adrian. **The Invitation in Art**. London: Tavistock, 1965.